

INTERAÇÃO PARA EMERGÊNCIA DE COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Carlos Henrique Silva De Castro
(Centro Universitário UNA)
chenriquebh@yahoo.com.br

Ana Elisa Ribeiro
(CEFET/MG)
anadigital@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho objetiva estudar as Comunidades Virtuais de Aprendizagem - CVA - a partir das relações sociais e da interação. Inicia-se o artigo com uma resenha conceitual acerca dos temas comunidades, interação e aprendizagem. Em um segundo momento volta-se para os estudos que identificam formação de CVA. Finaliza-se com as considerações acerca dos objetivos traçados e lacunas identificadas.

Palavras-chave: Educação a Distância; Interação; Comunidades Virtuais de Aprendizagem.

ABSTRACT: This present work aims at studying the Virtual Learning Communities from the social relations and interaction. This paper begins with a review of conceptual about communities, interaction and learning. In a second time turns to studies that identify the formation of Virtual Learning Communities. It ends with considerations about the planned objectives and identified gaps.

Key words: E-learning; interaction; Virtual Learning Communities.

RESUMÉ: Cet article vise à étudier les Communautés Virtuelles d'Apprentissage - CVA – à partir de les relations sociales et l'interaction. L'article commence par un examen de questions conceptuelles sur les communautés, l'interaction et l'apprentissage. Dans un deuxième temps se tourne vers des études qui permettent d'identifier la formation de CVA. Se termine par des considérations sur les objectifs prévus et lacunes identifiés.

Mots-Clé: L'enseignement à distance; interaction; Communautés Virtuelles d'Apprentissage.

1. Introdução

O objetivo geral do presente trabalho é estudar a formação de Comunidades de Aprendizagem em ambientes virtuais a partir das relações sociais e interações que proporcionam em ambientes desta natureza. Como objetivos específicos enumeram-se duas questões. A primeira delas busca elucidar o conceito Comunidades Virtuais de Aprendizagem – CVA. Partindo da premissa de que a existência de comunidades, em quaisquer espaços,

contribui positivamente para o aprendizado, deparamo-nos com a segunda questão. Esta, por sua vez, busca responder à seguinte pergunta: É possível constituir CVA?

Para responder a tais questões, adotar-se-á uma metodologia qualitativa de pesquisa que contará com três passos básicos. O primeiro deles refere-se a uma resenha conceitual sobre Comunidades Virtuais de Aprendizagem bem como o papel das relações sociais, interação, e linguagem na sua formação. O segundo passo refere-se à pesquisa de estudos que apontem ou não para o sucesso na formação de comunidades em espaços virtuais. E como último passo, a partir dos resultados obtidos, serão sistematizadas considerações acerca de tais pesquisas e dos possíveis problemas encontrados.

A necessidade de estudos direcionados a problematizar a convivência no espaço virtual se dá pelo grande crescimento da internet e os avanços atingidos na sua utilização, sobretudo no ensino. Tais avanços geram novas práticas sociais e o que muitos chamam de “Sociedade da Informação” ou “Sociedade do Conhecimento”. Nota-se que a relação com o conhecimento se modificou e a interação encontrou novas formas de expansão, para além dos territórios geográficos, juntamente com as novas ferramentas e possibilidades oferecidas com a evolução da *world wide web*. Mudanças estas que possibilitam novas modalidades de ensino formal, como a nova Educação a Distância - EaD - que se utiliza de todo este potencial para a construção de novos saberes evidenciados nos enunciados produzidos pelos atores da aprendizagem. Todavia, mais do que a existência de novas ferramentas e possibilidades, é importante que se estude como se dá a otimização de tais ferramentas e, sobretudo, como se dá a construção do conhecimento com a utilização destas novas possibilidades. Se o ambiente virtual é um novo espaço para o diálogo, buscar-se-á trazer reflexões acerca da formação de comunidades virtuais voltadas com o objetivo da aprendizagem. Espera-se que tais reflexões contribuam para as pesquisas na área que ainda apresenta diversas lacunas que necessitam ser aclaradas.

2. Conceituando Comunidades Virtuais de Aprendizagem

Na literatura atual acerca do tema comunidades encontram-se diversos posicionamentos. Tentar-se-á aqui tecer uma teia dialógica entre alguns autores e delimitar alguns conceitos que encontrem os objetivos da pesquisa no campo da educação, da interação e da linguagem. Para Silvio (2000:249),

“(...) uma comunidade é um tipo especial de grupo social. Um grupo social é um conjunto de pessoas que perseguem uma finalidade comum, para o qual estabelecem uma rede de relações que são produto de interação e

comunicação, cuja conduta se rege por um conjunto de normas culturais e compartilham interesses, crenças e valores comuns.¹ (SILVIO, 2000, p. 249).

O autor traz a questão da interação voltada para a busca de interesses comuns, como normas, crenças e valores. Tais motivações estarão ligadas diretamente às identidades dos sujeitos e definidoras da identidade coletiva e limites do grupo que se diferenciará do seu entorno e possibilitará a existência de interação. O posicionamento de Silva (2000:249) é reafirmado por Neirotti e Poggi (2005:40) que contribuem para a pesquisa acerca de comunidades com diversas abordagens em um estudo acerca de projetos educativos inovadores na América Latina. Primeiramente, os autores trazem a concepção de comunidade segundo Williams. Para este, a palavra é “(...) a condição de ter algo em comum; um sentido de identidade e características comuns.” (WILLIAMS, 2003, *apud* NEIROTTI & POGGI, 2005, p. 37). Ainda segundo os autores, o termo comunidade

“(...) sugere, efetivamente, a idéia de proximidade por interesses comuns e por outras marcas tais como o aspecto efetivo e o sentido de pertencimento. A proximidade pode ser originada no parentesco, na vizinhança, na participação de uma cultura comum ou no exercício de atividades baseadas em interesses comuns.” (NEIROTTI & POGGI, 2005, p. 40).

Nota-se que a proximidade relatada pelos autores independe das questões geográficas. Está ligada também à cultura e ao exercício de atividades comuns ao grupo que, por sua vez, estarão ligadas aos valores e crenças e proporcionarão o sentimento de pertencimento ao grupo. Com as contribuições dos citados autores, conclui-se que, se há interação e sentimento de pertencimento por parte dos membros do grupo, motivados pelos motivos relacionados à identidades como defendido acima, há uma comunidade.

Com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC -, configura-se um novo tipo de comunidade até então não conhecido: as comunidades virtuais. O termo Comunidades Virtuais, já conhecidas como CV, sugere as relações proporcionadas pelos diferentes fenômenos relacionados à interação mediada pelo uso do computador. Ou seja, trata-se de uma comunidade que contará com uma mediação via internet utilizando-se de todo o aparato tecnológico disponível que permitirá interação por meio de textos, vídeos, áudio, etc. Sartori (2003:3), em sua descrição de CV, confirma tais pressupostos. Para a autora, o termo designa

“(...) espaços formados por agrupamentos humanos no ciberespaço. Seu funcionamento está diretamente ligado, num primeiro momento, às redes de

¹ Tradução do autor

conexões proporcionadas pelas tecnologias de informação e comunicação e, num segundo momento, à possibilidade de, neste espaço, pessoas com objetivos comuns, se encontrarem, estabelecerem relações, e desenvolverem novas subjetividades.” (SARTORI, 2003, p. 3).

Nota-se que a questão da sociabilidade continua presente mesmo quando se trata de comunidades formadas por sujeitos que podem estar distantes no espaço e no tempo e interagem no ciberespaço. E antes disso, aparece o diálogo como elemento essencial à sociabilidade. Diz-nos o autor: “Através da ação a distância é possível o desenvolvimento de novas socialidades e subjetividades, tornando-se um espaço que materializa a comunicação, a cultura e a educação.” (SARTORI, 2003:1).

Sartori aponta, ainda, a partir das análises dos conceitos de CV apresentados por Rheingold e Vilches, a existência de um sentido de pertencimento e de um projeto em comum propiciados pela comunicação que os sujeitos desenvolvem no espaço virtual. Para a autora,

“(…) o senso de pertencimento é possível em virtude de uma territorialidade simbólica, manifestada nas ações executadas a distância. Eles participam, emitem opiniões, constroem novos significados, tecem uma rede de cooperação oportunizada pelo processo de comunicação bidirecional.” (SARTORI, 2003, p. 6).

Em síntese, o que diferenciará uma comunidade geográfica de uma comunidade virtual será a proximidade geográfica que será substituída por uma territorialidade simbólica construída por intermédio da interação.

E o que definirá uma Comunidade de Aprendizagem? Para Rodríguez Illera, o que definirá uma comunidade de Aprendizagem é o objetivo educacional. Segundo o autor,

“(…) a influência educativa está situada em primeiro lugar, de maneira explícita e intencional, repensada ou matizada por enfoques teóricos que contemplam a influência entre iguais, o consenso democrático sobre os objetivos de aprendizagem, ou o situar os interesses dos aprendizes no centro da acção educativa, mas sempre no contexto de um processo educativo maioritariamente situado no interior de uma instituição educativa que o assegura e o tutela.” (RODRÍGUEZ ILLERA, 2007, p.121).

Assim, tratamos agora de um espaço comunitário que se diferencia dos demais pelo objetivo específico da educação e pelo amparo de instituição formal. Não se defende aqui que outros ambientes educativos, não-formais, não contribuam para aprendizagem. Muito pelo

contrário. Tratam-se de espaços onde emanam novos significados, com diálogo estabelecido e, portanto, contribuem para a aprendizagem. Porém, enfatiza-se que a aprendizagem ocorre em qualquer experiência social. O diferencial que merecerá o título de “de aprendizagem” será este objetivo voltado para tal como defende Rodríguez Illera.

Unindo os conceitos de comunidade de aprendizagem e comunidade virtual, obtêm-se o conceito de Comunidade Virtual de Aprendizagem. Ou seja, estas últimas, são comunidades formadas em ambientes virtuais que têm como objetivo específico a educação formal.

3. Interação para uma efetiva aprendizagem

Quando se fala em aprendizagem, fala-se na produção de sentidos que se dará a partir da interação, do diálogo. Quando se fala em interação, fala-se na presença de mais de uma voz no discurso, de polifonia. Isso ocorrerá sempre que construirmos algum texto, seja ele qual for. Até mesmos em pensamentos e sozinhos. Todo texto é parte de uma cadeia dialógica construída dia a dia a partir do diálogo que estabelecemos em todas as relações sociais. Assim, quando se fala em polifonia, fala-se de um constituinte da linguagem que são todas vozes presentes nos discursos que serão um retrato de todas as interações ocorridas com o sujeito e estará em constante alteração uma vez que as interações não cessam, bem como a construção de sentidos. Para Bakhtin (2006:120), a enunciação é a objetivação externa da atividade mental que não se dará de forma isolada, monológica. Daí a importância do diálogo na produção de sentidos. Na teoria bakhtiniana, (2006:114) “(...)a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor.” E, ainda, de acordo com Gutierrez, que se utiliza da teoria bakhtiniana:

Aprender é compreender, é construir conhecimento social e dialogicamente, considerando todos os conhecimentos acumulados pela humanidade. Uma construção que tem como mediadora a linguagem, pois ao compreender tornamo-nos parte do texto, numa interação como relação dialógica mediante a confrontação de sentidos, uma compreensão responsiva ativa e que exige duas consciências (GUTIERREZ, 2005, p.6).

O aprender, portanto, está intrinsecamente ligado às relações sociais que se efetivam na interação e se objetivam na enunciação, ou seja, no texto produzido pelo sujeito que interage. Confirma-se que há a necessidade de que realmente aconteça o diálogo para a construção de novos saberes. No ensino, devemos considerar que a aprendizagem se dará, sobretudo, conforme defendido por Bakhtin, por meio do diálogo, da expressão de diversas

vozes que trará identidades específicas para o ambiente virtual construindo e re-construindo sentidos e enunciados. O ambiente virtual é o novo espaço onde os atores somente produzirão se se sentirem parte deste espaço. Tal posicionamento encontra as posições defendidas em um estudo de Sant'Ana (2008:5) acerca do que chama de “educação 2.0” ou “conectivismo”, voltada para a construção do conhecimento a partir da interação, característica essencial para o ensino em EaD. Este autor, citando Siemens, afirma que o ensino que se utiliza das características elencadas, deve apresentar os seguintes princípios:

- Aprendizagem e conhecimento apóiam-se na diversidade de opiniões.
- Aprendizagem é um processo de conectar nós especializados ou fontes de informação.
- Aprendizagem pode residir em dispositivos não humanos.
- A capacidade de saber mais é mais crítica do que aquilo que é conhecido atualmente.
- É necessário cultivar e manter conexões para facilitar a aprendizagem contínua.
- A habilidade de enxergar conexões entre áreas, idéias e conceitos é uma habilidade fundamental.
- Atualização (“currency” – conhecimento acurado e em dia) é a intenção de todas as atividades de aprendizagem conectivistas.
- A tomada de decisão é, por si só, um processo de aprendizagem. Escolher o que aprender e o significado das informações que chegam é enxergar através das lentes de uma realidade em mudança. Apesar de haver uma resposta certa agora, ela pode ser errada amanhã devido a mudanças nas condições que cercam a informação e que afetam a decisão. (SIEMENS, 2004, *apud* SANT'ANA, 2008, p.5)

A posição do autor confirma as premissas aqui defendidas de que a aprendizagem necessita do sentimento de pertencimento para a produção dialógica, que não há diálogo sem se conectar ideias trazidas pelos vários atores do aprendizado e apropriação das informações disponíveis.

Como se verifica este aprendizado? Para este estudo, ater-se-á à análise da presença da interação de acordo com as conclusões a que se chega a partir do diálogo estabelecido com os autores citados neste estudo. O arcabouço teórico utilizado aponta que as comunidades se efetivam a partir do diálogo constituído de diversas vozes, polifônico, proporcionado pelas relações sociais que o sujeito experimenta ao longo da vida. É este diálogo que possibilitará a aprendizagem que se materializará na construção de enunciados. Assim, conclui-se que, se há produção dialógica, há formação de comunidades. Se há diferenças entre comunidades com

laços mais ou menos fortes, com interações mais ou menos freqüentes, não será questão de debate neste estudo.

É por meio dos enunciados produzidos que poderá ser avaliado o diálogo e a aprendizagem alcançada. Os enunciados são formados pelas conexões de palavras que trarão toda uma carga ideológica e, portanto, sociológica. Em consonância com as questões colocadas acerca da polifonia. É no discurso que se efetiva a constituição de comunidades. Para Bakhtin:

(...) esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. *A palavra é o fenômeno ideológico por excelência.* A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 2006, p. 34)

Assim, defende-se que pesquisas relacionadas à verificação de formação de comunidades deverão, necessariamente, trabalhar com os enunciados produzidos no espaço comunitário. Chega-se assim à segunda questão posta como objetivo deste estudo: É possível constituir CVA? Para responder a tal questão, analisar-se-á pesquisas que apontem para a constituição de diálogo em ambiente virtual na seção que segue.

4. É possível constituir CVA?

Para comprovar a possibilidade de construção efetiva das CVA, será utilizado aqui exemplos de três estudos, em experiências diferentes, onde verifica-se a presença de diálogo e construção de sentidos conforme defendido pelos autores elencados como marco teórico deste estudo. Como contraponto, serão apresentadas as conclusões a que chega um quarto autor que avalia atividades voltadas para a interação em ambiente virtual onde não se verifica a presença de diálogo.

O primeiro deles trata-se de um texto que avalia a existência de interação efetiva em ambiente virtual em três atividades diferentes baseadas em ferramentas interativas sendo estas o *chat*, o *wiki* e o fórum. Os autores, Axt *et al.*, (2006:5), apontam para o sucesso ao atingir os objetivos traçados - de participação coletiva e interação dialógica - entre os participantes em todas as atividades avaliadas sendo todas elas voltadas para a construção coletiva. Em análise específica de uma atividade assíncrona – Fórum no Ambiente Virtual de Aprendizagem TelEduc - onde os atores do aprendizado deveriam dialogar sobre um texto teórico lido com

antecedência, nota-se a presença de um diálogo produtivo resultando em aprendizagem. Segundo os autores:

Ainda que sob modalidades diferenciadas, em cada um desses espaços de interação havia como que uma consigna implícita: escrevia-se para o *outro*, fosse o *outro* um colega de grupo, ou o *outro* constituído pela equipe de formadoras, ou ainda o *outro* discursivo dos enunciados dos autores lidos. O coletivo movia o ambiente. Era a partir do *outro* que nós nos sentíamos convocados, ou não, a participar. A partir do coletivo, o próprio espaço (de aprendizagem, de autoria) ia sendo produzido.

Neste sentido, a possibilidade de produção coletiva responde a dois pressupostos teóricos: (a) do diálogo como constitutivo do movimento do aprender; e (b) da aprendizagem como processo autoral, ao mesmo tempo individual e coletivo. (AXT *et al.*, 2006, p. 5)

Em outro texto, Costa *et al.* (2005), analisam questões da linguagem na interação ocorrida na ferramenta “Forchat”, que integra *chats* e fóruns, de uma disciplina de curso de pós-graduação da UFRGS, que, apesar de se tratar da linguagem escrita, apontam para características intrínsecas do discurso oral.

O trabalho das autoras é iniciado apresentando características do enunciado à luz da teoria bakhtiniana onde a riqueza de sua produção está no diálogo estabelecido entre os seres humanos trazendo contribuições que emanam de suas particularidades, sejam de conteúdo ou de estilo e, ainda, pela seleção particular de recursos da língua. Segue-se o trabalho ressaltando a presença das três esferas do enunciado levantadas por Bakhtin, conteúdo temático, estilo e construção composicional, destacando-se os traços afetivos do discurso direto presente nos diálogos estabelecidos nos *chats*. Afetividade que também é constituinte do diálogo de acordo com Bakhtin. Dizem-nos as autoras:

Por entre ditos e escritos, e não ditos e escritos, vai se criando uma atmosfera dialógica, afetiva, com emoção, nesse “bonde” *Forchat*. Diz-nos Bakhtin, 2000, que “Em relação ao homem, a emoção em geral – amor, ódio, compaixão, piedade – é, num grau variável, dialógica (p. 340)”. (COSTA *et al.*, 2005, p.6)

Como terceiro e último exemplo de comprovação de existência de diálogo em ambiente virtual, utiliza-se da análise de Giordan & Dotta (2008) em artigo que avalia a construção de dialogia e a presença de polifonia em dois momentos distintos de uma ferramenta denominada “Tutor em Rede”, que funciona nos moldes de um fórum. Os

autores apontam a presença do diálogo e da re-construção de sentidos que se dá, ora pela apropriação do discurso do outro e re-construção de sentido, ora pela problematização feita por um dos atores do aprendizado levando com que o seu interlocutor retorne a explicar seu posicionamento, traga novas argumentações, produzindo uma série de novos discursos, sentidos e enunciados. Diante das análises feitas pelos autores, concluem:

A construção de significados deu-se a partir de uma cadeia discursiva e hipertextual que permeou a interação. O retorno do aluno ao sistema para estabelecer nova interação indica que algumas marcas de enunciação, como o convite ao diálogo, são importantes para se comporem novas situações de aprendizagem, conforme declarado em nossa hipótese; entretanto, outras análises precisam ser realizadas para podermos verificar se há regularidades no diálogo virtual e se ampliam a qualidade e a quantidade dos enunciados de professores e alunos a partir dessa dialogia. (GIORDAN & DOTTA, 2008, p. 141)

Contrapondo à formação verificada de CVA dos três primeiros estudos, traz-se o exemplo de Backes (2007) que, analisa cursos que utilizam do AVA para apoio ao ensino presencial. A autora verifica que nestes casos a interação no ambiente virtual é frágil. Para exemplificar, utiliza-se aqui um momento trazido pela autora. Segundo ela, em uma atividade onde os alunos foram orientados a coletar dados, manipulá-los e criarem um gráfico específico no ambiente virtual, um dos alunos apresenta dificuldades em entender as instruções dadas e, mesmo podendo dialogar com os colegas, não obtém ajuda. Diante de sua dificuldade, o aluno pede auxílio ao mediador. Este, por sua vez, pede a presença física do aluno para solucionar a sua dúvida. A autora ainda descreve outras dificuldades encontradas como a dificuldade em desterritorializar os alunos de seu ambiente físico criando um novo espaço de convivência no ambiente virtual. Para este segundo caso, a solução apresentada para a continuidade das atividades é agrupar os alunos conforme seu espaço presencial dividindo-os em grupos de acordo com suas cidades de origem. Assim, uma vez que já têm uma convivência no espaço físico, basta transpor a atividade para o ambiente virtual e contar com a continuidade da interação que já ocorre fisicamente.

A autora aponta que, apesar do Ambiente Virtual utilizado ter sido construído pensando na necessidade de ferramentas que propiciassem a interação a fim da construção do conhecimento, o que ocorre na prática é que tal interação não ocorre. Conclui que não basta a utilização do espaço virtual para a constituição de Comunidades Virtuais, mas que, de acordo com a pesquisa feita neste trabalho que ora se finaliza, e com

Castells (2003, p. 107, *apud* BACKES, 2007), há a necessidade do compartilhamento de valores e organização social.

Finaliza-se com a afirmação de que é possível constituir CVA. Como se dará este processo? Hipóteses podem ser inferidas a partir do referencial teórico utilizado para este trabalho. Porém, as comprovações devem ser feitas por meio de pesquisa científica na área.

5. Considerações Finais

Crê-se que o presente estudo aponta fatores essenciais à formação de comunidades, como a interação, e apresenta diferenciações importantes propiciadas por questões geográficas, o aparato tecnológico e o objetivo específico da comunidade voltada para a aprendizagem. Assim, conclui-se que o primeiro objetivo específico traçado para o estudo, qual seja, elucidar o conceito Comunidades Virtuais de Aprendizagem – CVA, foi alcançado. Fica evidente que a constituição de comunidades, formal ou informalmente, só é possível por intermédio do diálogo que resultará em troca de saberes e construção de conhecimento. Pois, em ambiente comunitário é possível dialogar, construir novos sentidos e enunciados, que, por sua vez, são a objetivação do aprendizado.

A resposta à segunda questão definida como objetivo do estudo - É possível constituir Comunidades Virtuais de Aprendizagem? - é encontrada no item 4. No referido item encontramos a comprovação de que é possível promover o diálogo para a constituição de CVA por meio dos estudos de Axt *et al.* (2006), Costa *et al.* (2005) e Giordan & Dotta (2008). Os referidos autores demonstram claramente os resultados encontrados em suas análises, sempre voltados para a questão da presença do diálogo. O contraponto fica por conta da contribuição trazida por Backes que não encontrou evidências da formação de CVA em seu estudo. Todavia, várias questões permanecem: A quantidade e qualidade das interações devem ser levadas em conta na formação de CVA? A prática pedagógica pode contribuir positivamente para a emergência de CVA? As identidades e os locais de onde emanam as identidades influenciam na formação de CVA uma vez que comunidade é a união de pessoas com objetivos comuns que dialogam em prol de tais objetivos? Como surgem as CVA? E várias outras.

Crê-se que o presente estudo contribui para as reflexões acerca de ambiente comunitário e Educação a Distância. Porém, todas as questões elencadas servem apenas de motivação para novos trabalhos. Assim, sugere-se que novos trabalhos busquem elucidar os pontos ainda obscuros na aprendizagem *online*.

Referências

AXT, Margarete; ELIAS, Carime Rossi; COSTA, Janete Sander; SOL, Elena Lídia; SILVEIRA, Paloma Dias. *Interação dialógica: uma proposta teórico-metodológica em ambientes virtuais de aprendizagem*. Novas Tecnologias na Educação. Rio Grande do Sul: UFRGS, vol. 4, n. 1, jul/2006. Disponível em: http://www.lelic.ufrgs.br/portal/images/stories//17_a32_21197%5B1%5D.pdf. Acesso em 04/10/2009.

BACKES, Luciana; MENEGOTTO, Daniela Brun; SCHLEMMER, Eliane. Ambiente virtual de aprendizagem: formação de comunidades virtuais? *Filosofia Capital* [on line]. Rio Grande do Sul, v. 02, ed. 4, 2007. Disponível em: <http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/viewFile/39/32>. Acesso em 01/12/2009.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. Ed, São Paulo: Hucitec, 2006.

COSTA, Janete Sander; MEHLECKE, Querte; REICHERT, Clóvis Leopoldo. *Movimentos da oralidade nas interações escritas em um ambiente virtual de aprendizagem: novos efeitos de sentido e autoria*. 2005. Disponível em: <http://www.espie.cinted.ufrgs.br/~dsbit/trimestre2/margarete/Leituras/oralidade.pdf>. Acesso em 06/10/2009.

GIORDAN, Marcelo; DOTTA, Silvia. *Estudo das interações mediada por um serviço de tutoria pela internet*. *Linguagem & Ensino*. Pelotas, v. 11, n.1, p.127-143, jan./jun. 2008.

GUTIERREZ, Suzana. *Mapeando caminhos de autoria e autonomia: a inserção das tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de educadores que cooperam em comunidades de pesquisadores*. 2005. Disponível em: http://www.radio.faced.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2005/mapeando_caminhos_de_autoria.pdf. Acesso em 06/10/2009.

NEIROTTI, Nerio; POGGI, Margarita. *Alianças e inovações em projetos de desenvolvimento educacional local*. Brasília: IIEP - International Institute for Educational Planning -, UNESCO, 2005.

RODRÍGUEZ ILLERA, José. *Conferência: como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação*. In SÍSIFO. *Revista de Ciências da Educação*. Lisboa, n.3, p. 117-124, mai./ago. 2007. Disponível em: <http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/sisifo03PTConf.pdf>. Acesso em 26/05/2010

SANT'ANA, Alex Sandro C.. *A web 2.0, a educação e as novas tecnologias da informação e comunicação: novas possibilidades de aprendizagem na pós-modernidade*. In: XIV ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 2008, Porto Alegre. Anais "Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas". Porto Alegre: ENDIPE, 2008. Disponível

em: http://prof.alexasantana.googlepages.com/poster_1_web_20_ntic_alex_sandro_c_s.pdf. Acesso em 15/07/2009.

SARTORI, Ademilde Silveria; ROESLER, Jucimara. *Comunidades virtuais de aprendizagem: espaços de desenvolvimento de socialidades, comunicação e cultura*. In: II SIMPÓSIO: E-AGOR@, PROFESSOR? PARA ONDE VAMOS? 7 a 8 de nov/2003. São Paulo: COMFIL-PUC-SP/COGEAE Disponível em: <http://www.pucsp.br/tead/n1a/artigos%20pdf/artigo1.pdf>. Acesso em 12/11/2009.

SILVIO, José. *La virtualización de la universidad: ¿Cómo transformar la educación superior con la tecnología?* Caracas: IESALC/UNESCO, 2000.